

## A Comuna de Paris? O prelúdio das revoluções

“Apesar de suas vacilações, que levaram a erros vitais, a comuna anuncia tanto as revoluções deste século quanto o holocausto dos revolucionários.”

Walmir Barbosa\*

As medidas políticas tomadas pelo governo da *Comuna* — aprovação do teto salarial dos funcionários do novo Estado, em torno do salário médio de um operário, a nacionalização dos bens da Igreja, a democracia operária exercida de forma direta através do Conselho da Comuna, a criação de associações operárias em fábricas com o objetivo de assegurar a continuidade da produção —, foram capazes de radicalizar a revolução, fortalecer e assegurar a legitimidade da *Comuna* perante às classes populares de Paris. Contudo, eram insuficientes frente ao cerco de dois exércitos: o invasor prussiano e a reação francesa.

No dia 07 de abril, o exército reacionário, comandado pelo governo que se encontrava em Versalhes, tomou a ponte sobre o rio Sena, em Nully, na frente ocidental de Paris. Porém, a derrota da ofensiva do exército de Versalhes na frente sul foi obscurecida, seu significado político-militar reduzido, isto devido aos custos materiais e humanos infringidos aos comunardos, através do bombardeio sistemático de Paris, desencadeado pela artilharia a serviço do governo Thiers.

A iniciativa e a ofensiva do exército de Versalhes consolida-se no mês de maio, quando as negociações entre os governos de Versalhes e da Prússia, permitem a libertação e devolução dos soldados franceses, prisioneiros desde as batalhas de Sedan e Metz, ocorridas no ano anterior. A ofensiva na frente sul de Paris teve o seu reinício: no dia 03 de maio, o exército de Versalhes avançou e dominou o reduto de Moulin Saquet; no dia 09, o forte de Issy e no dia 14, o forte de Vanves.

Após um avanço seguro, o exército de Thiers, na frente ocidental, consegue romper em 21 de maio, a muralha central da cidade, tendo assim, acesso a seu interior. Os fortes do norte e oeste, ocupados pelo exército prussiano, permite a passagem do exército de Versalhes rumo ao interior de Paris, ampliando assim, os caminhos para o ataque as barricadas organizadas em diversos bairros e ruas da Capital. Essa atitude do exército prussiano de ocupação frente ao armamento e livre deslocamento do exército reacionário francês, derrotado no campo de batalha, demonstra claramente, uma vez mais, que para os prussianos (e

versalheses), o proletariado revolucionário, em armas, tornou-se o inimigo principal a ser aniquilado.

Após o exército de Versalhes dominar o setor ocidental de Paris com relativa facilidade, e isto porque nessa região concentrava-se os bairros ricos, teve início uma luta encarniçada pelo domínio do setor oriental da cidade, no qual concentravam-se os bairros pobres, proletários. A resistência nas colinas de Belleville e Ménilmontant durou oito dias quando, enfim, os últimos defensores da *Comuna* tombam lutando no dia 28 de maio de 1871.

A derrota militar da *Comuna de Paris* começou a ser definida anteriormente à sua própria existência. A *Comuna* não foi fruto da conquista do consenso, da construção de uma hegemonia político-cultural proletária em substituição à estrutura de poder e aos valores sócio-culturais burgueses, que vinham sendo consolidados desde o período do movimento intelectual e cultural conhecido como Iluminismo. A exceção do proletariado de Paris e de algumas outras cidades industriais francesas — que conviviam com intensa mobilização e experiências revolucionárias, constituindo organização política e valores sócio-culturais alternativos aos burgueses —, predominava no meio das camadas populares, formadas por proletários, camponeses, artesãos e pequeno-burgueses, um descontentamento social situado no universo da defesa da propriedade privada, do mercado e do individualismo burguês. Daí a grande influência do republicanismo radical burguês, mas sempre insuficiente para dar continuidade a um desdobramento conseqüente a luta nas demais comunas, a exemplo de Lyon, Saint-Etienne, Marselha, Narbonne, Limonges, etc.

Predominava no movimento socialista francês, no período anterior à *Comuna* e à sua época, principalmente as influências blanquista, proudhonista e anarquista, que tinham a concepção revolucionária de assalto ao poder: acreditava-se que um grupo pequeno, extremamente organizado e incansável, poderia assumir o poder e conservá-lo. Essa concepção, agregada à inexistência de partido(s) proletário(s) de caráter nacional, privou o mundo do trabalho na sociedade francesa, de um trabalho político-cultural de elevado alcance e de uma unidade de ação. Os apelos dos comunardos para um levante geral das classes populares da França contra o governo Thiers e em socorro de Paris, mesmo tendo em vista a construção de uma nova ordem social, embora esboçadas, não foram atendidos.

A *Comuna de Paris* cometeu erros político-organizativos vitais. Vacilou e não lançou mão dos fundos do Banco Nacional da França. Também não foi ágil na organização das associações operárias por fábrica. Estes dois processos, frutos da consciência pequeno-burguesa blanquista e proudhonista, respectivamente, privaram a *Comuna* de uma produção reorganizada. A conseqüência principal, apesar do grande esforço, foi a carência de uma

infra-estrutura necessária para suprir os requisitos materiais da luta política que se desdobrava no campo militar.

Para a derrocada da *Comuna de Paris* também concorreram aspectos eminentemente militares. As revoluções ocorridas em Paris, nos Século XVIII e primeira metade do Século XIX, se beneficiaram, de início, das características urbanas da velha Paris e do seu relevo: ruas estreitas e uma multidão de prédios, que circundados por montes, a transformava num criatório de revoluções e num espaço favorável para a defesa temporária das mesmas. Contudo, a urbanização e a construção de largas avenidas e as inovações das técnicas militares criaram uma situação nova e a continuidade da adoção absolutizada da estratégia militar da guerra de posição, pelas revoluções parisienses no final do Século XIX — levantes armados, seguidos de barricadas, circunscritas a cidade e ilhada pelo cerco do exército —, as conduzia para um campo militar favorável à ação contra-revolucionária do exército francês, que após concentrar-se em suas imediações, submetia as revoluções a artilharia das canhoneiras, capazes de aniquilar barricadas, fortes e bairros operários.

Na *Comuna de Paris* este quadro geral foi agravado. Além da carência de um trabalho político-cultural em escala nacional que a precedesse e das vacilações político-econômicas, cometidas após a sua deflagração, não se levou em conta o que havia ocorrido no campo militar após 1848, quando há significativa evolução bélica no exército francês com a invenção da metralhadora e a ampliação do diâmetro dos canhões — com conseqüente aumento do efeito destruidor das suas granadas. Mais do que nunca, neste contexto, revoluções circunscritas a determinados espaços, isoladas política e geograficamente, eram revoluções derrotas a priori.

Este quadro, em que se desenvolveu a guerra civil, foi agravado por problemas intrínsecos à estruturação interna do poder na *Comuna*, mas de grande importância e repercussão militar: a decretação de um estado de total liberdade, no contexto da guerra civil, permitiu o florescimento de traidores e desenvoltura de ação para os sabotadores, capazes de agravar as condições já extremamente adversas de retomada das atividades econômicas e de defesa de Paris. Agregado a esta realidade, a *Comuna* careceu de um comando político e militar forte e centralizado, capaz de coordenar de forma concentrada, decidida e planejada as iniciativas, tendo em vista expandir a revolução para a província, planejar e organizar ações ofensivas e de retaguarda, recompor as atividades públicas e privadas, etc.

A *Comuna de Paris* sucumbiu, foi derrotada militarmente. Os limites sobre os quais se fundou e se desenvolveu confirmaria a condição de criatório e tûmulo de revoluções à cidade de Paris nos séculos XVIII e XIX.

Além do significado da *Comuna de Paris* para a luta dos trabalhadores por uma nova ordem social pós-capitalista, vale destacar que a sua trajetória renunciou, sob vários aspectos, o Século XX. O nacionalismo e os interesses econômicos, presentes no conflito que a precedeu, desaguarão nas duas guerras mundiais. A *Comuna* anuncia as revoluções nacional-populares e socialistas do Século XX. Os fuzilamentos em massa de 30.000 comunardos prisioneiros, é um alerta contundente do genocídio de revolucionários franceses e internacionalistas, que se repetirá no holocausto...

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Sílvio. *Comuna de Paris: o proletariado toma o céu de assalto*. São Paulo : Anita Garibaldi; Goiânia : Editora UCG, 1998.

GONZALES, H. *A Comuna de Paris*. São Paulo : Brasiliense, 1981.

HOBBSBAWN, Eric. *A era do capital: 1848-1875*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1997.

MARX, K.; ENGELS, F. *A Guerra civil em França*. São Paulo : Alfa-Ômega, 1979.

**(\*) . Walmir Barbosa é Mestre em História e professor de História e Teoria Política na Universidade Católica de Goiás.**